



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE**

PRESIDENTE: RUBINHO NUNES

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 04 DE JUNHO 2024

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Suspensão

20704

O SR. PRESIDENTE (Rubinho Nunes) – Bom dia a todos, presentes os Vereadores Arselino Tatto; Fabio Riva, pelo sistema Teams e Rubinho Nunes. Na qualidade de Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro abertos os trabalhos da 13ª audiência pública do ano de 2024.

Informo que esta reunião está sendo transmitida ao vivo através do endereço: www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online, também pelo YouTube, no canal da TV Câmara Municipal de São Paulo e Facebook da Câmara Municipal de São Paulo. Essa audiência vem sendo publicada desde o dia 29 de maio, no Diário Oficial da Cidade; 1º de junho, no Jornal *Estado de S. Paulo* e no dia 3 de junho, no Jornal *Folha de S. Paulo*. As inscrições para pronunciamento foram previamente abertas no site da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço: www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas. E também podem ser feitas, nesse momento, junto à Secretaria da Comissão, aqui à nossa esquerda. Então, os senhores que desejarem se manifestar podem ir aqui junto à Secretaria.

Foram convidados para esta audiência pública a Sra. Elisabete França, Secretária Municipal de Urbanismo e Licenciamento, nesse momento representada pelo Sr. José Armênio, Secretário Adjunto, obrigado, José Armênio, o senhor quer compor a Mesa conosco? Por favor, nos dê essa honra; o Sr. Alexandre Modonezi de Andrade, Secretário Municipal das Subprefeituras; Sr. Rodrigo Ravena, Secretário Municipal do Verde e Meio Ambiente; Sr. Álvaro Batista Camilo, Subprefeito da Subprefeitura da Sé; Sr. Marcos Vinícius Monteiro dos Santos, promotor de justiça do Ministério Público de São Paulo; Sr. Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público de São Paulo; Sr. Florisvaldo Fiorentino Junior, Defensor Público-Geral da Defensoria Pública-Geral; Vereadores da Câmara Municipal de São Paulo e o público em geral.

Passemos à pauta. Segunda audiência pública, com o objeto de discutir, o PL 222/2024, de autoria do Executivo, Prefeito Ricardo Nunes, que altera o Mapa 5 e Quadro 7, anexos à Lei 16.050, de 31 de julho de 2014, que aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e revoga a Lei nº 13.430/2002, revisada

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 2 DE 30

pela Lei nº 17.975, de 8 de julho de 2023, para incluir o Parque Municipal do Bixiga.

Suspenso a sessão por dois minutinhos.

- Suspensos, os trabalhos são reabertos sob a presidência do Sr. Rubinho Nunes.

O SR. PRESIDENTE (Rubinho Nunes) – Reaberta a sessão. Registro a presença da Vereadora Silvia da Bancada Feminista. Antes de passar a apresentação para o Secretário José Armênio, informo também a discussão da emenda a fim de incluir ao projeto os SQLs: 0880530139 - 6; 0880530142 - 6; 088053 0140 - 1; 0880530141 - 8 e demais SQLs, se necessários, referentes ao endereço cito à Avenida Santo Amaro 5565, também conhecido como Clube Banespa, a fim de ser apontado como parque na revisão.

Desde já passo, chamo a Vereadora Silvia para assumir a presidência dessa sessão, pois, infelizmente, não conseguirei prosseguir no debate, mas tenho de certeza que a Vereadora Silvia dará a necessária e sempre muito qualificada condução aos trabalhos. Obrigado, Vereadora. Peço licença aos demais. Vereadora, o Secretário Armênio vai fazer a apresentação. Passo a palavra ao Secretário Armênio. Obrigado pela presença.

- Assume a presidência a Sra. Silvia da Bancada Feminista.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Está mais bem acompanhado agora, que essa Comissão está sendo presidida por uma mulher. Tem a palavra, Secretário.

O SR. JOSÉ ARMÊNIO – Obrigado. Então, na verdade, falou-se em apresentação, mas são dois slides, um slide que fala do PL que nós mandamos no comecinho de abril para a Câmara, por ordem do Prefeito Ricardo Nunes. Eu estou aqui representando a Bete França, que é a atual Secretária Municipal de Urbanismo e Licenciamento, que me pediu que estivesse presente aqui hoje nessa segunda audiência com relação ao Parque do Bixiga.

Tem uma apresentação que tem o texto do PL que nós mandamos, isso o Prefeito me pediu para fazer em começo de abril, nós fizemos, e mandamos para a Câmara. E tem também na apresentação um desenho, uma foto com os SQLs que estão listados no PL.

Eu sou arquiteto, então, tecnicamente, desculpe-me, arquiteto tem que pedir

desculpas quando começa a falar muito tecnicamente. Então, a área do futuro parque, ela tem aproximadamente 11 mil metros quadrados, 11.100, eu acho, que são 5, 4 SQLs. SQL é setor quadra/lote. Estou contente de expor aqui, porque eu acho muito positivo para a cidade ter esse parque. Foi uma decisão do Prefeito de mandar, depois de alguns acordos que já definem a possibilidade de recursos para o parque. E esse PL tem o objetivo de possibilitar recursos para o parque do Bixiga.

Não sei se vocês sabem, mas na hora que a gente coloca o parque no quadro 7 do PDE, ele tem a possibilidade de receber transferência do direito de construir em recurso para a implantação do parque. Então ele é importante, pode parecer que é formal, mas não é formal. É uma coisa que vai garantir, é um passo na viabilização do Parque do Bixiga. Que eu acho que vai ser muito importante. Ele tem no bairro uma posição bastante estratégica, que é um bairro que todos conhecem. Estou vendo alguns ex-alunos e o pessoal que estava na audiência que nós fizemos no Bixiga na época da Lei de Uso e Ocupação. O Bixiga tem uma densidade muito alta e tem uma característica de renda que é própria, desde a sua origem, ligada à questão étnica que o bairro da Bela Vista tem. Todos aqui conhecem, não preciso ficar falando muito.

Eu acho que o parque, apesar de pequeno, só para vocês terem uma ideia, o Augusta tem 23 mil, mas ele não é pequeno na sua afirmação, no seu discurso. Ele é muito importante para estar presente nesse bairro. Vai ser uma coisa muito positiva para a cidade. Eu quero dizer o seguinte, dessa forma a gente, eu digo a população da cidade, vai construindo a cidade do jeito que a gente acha que pode fazer.

Eu quero só citar um outro exemplo, que pode parecer pequeno também, mas é importantíssimo, que foi o Aquático SP, lá na zona Sul, o transporte aquático que fez com que pessoas que davam a volta na represa e levavam duas horas para chegar do outro lado, agora levam 17 minutos. E é importantíssimo São Paulo começar a olhar as suas águas de novo. E o Aquático mostra isso. É uma posição que a cidade vai, pouco a pouco, chegando aonde tem que ir. Com coisas pequenas, tudo bem, são só 11 mil metros quadrados, mas é o Parque do Bixiga, está lá do lado do teatro, está no bairro do Bixiga. É um passo importantíssimo para a cidade.

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 4 DE 30

Então, eu quero dizer que não só nós trabalhamos esse ano na revisão do Plano Diretor e também na revisão da Lei de Uso e Ocupação, que eram leis que regulamentavam grandes questões, 300 artigos, sei lá quantos, que nem lembro, mas cento e tantos artigos.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Secretário, o senhor pode falar um pouquinho mais perto do microfone?

O SR. JOSÉ ARMÊNIO – Esse PL, Silvia, tem uma pagininha em dois parágrafos, mas ele coloca o Parque do Bixiga no quadro 7. Esse foi o passo que foi dado e é importantíssimo. Eu peço que a Câmara, Silvia e Luna, que, apesar de pequenininho o PL que a gente mandou, vocês olhem com um carinho que é muito importante para a cidade. Eu estive agora, estava viajando, e eu vi uma cidade que tinha parques pequenos, espalhados, e é como tem que ser, um parque perto de casa, ou outro perto da outra casa, e a qualidade do ar vai melhorando. Ali tem uma questão hídrica importante, que tem o correquinho passando embaixo, não é tão pequeno.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – É o rio, é o rio.

O SR. JOSÉ ARMÊNIO – É, o rio do Bixiga. E tem originalmente, o Bixiga tem o Saracura, a Grota, tem uma origem hídrica importante. Então, acho que, apesar do PL ser pequeno, ele é muito importante. Tem um mapinha, se vocês quiserem, só para ter o texto do PL e tem o mapinha que eu pedi para o pessoal da Secretaria fazer. Não dá para projetar aí? Esse é só uma capa, depois tem o texto, pequenininho, é um PL pequenininho, mas muito importante. E o outro slide é a figura. Está vendo? Ele reúne os SQLs que estão colocados. Isso vai ser, acho que, uma conquista para a cidade. Tomara que a gente consiga andar rápido, depois de a Câmara aprovar, depois de vocês aprovarem aqui, conseguir fazer isso aí. Acho que é uma coisa importante, uma dedicação que vocês podem contar que a Secretaria mandou esse PL e estamos, Secretária, eu e a Secretaria, empenhados na viabilização disso, que certamente vai melhorar muito a qualidade de vida na cidade. O passo é esse hoje.

Eu sei que tem coisas para andar depois, como é que vai ser. Tem muita coisa pela frente. Mas hoje a gente tem de garantir isso. Para quê? Para garantir recursos, para poder

viabilizar o Parque do Bixiga. É só isso. Eu quis dar o exemplo do Parque Augusta, que foi um sucesso. Vocês devem ter visto, talvez já devam ter ido lá, mas o Parque Augusta foi uma insistência do Bruno, então Prefeito. Não foi na gestão dele? Foi? Foi na gestão do Bruno, não foi, Carmen? O Bruno estava bastante empolgado com esse parque. Também partimos do exercício, eu estava na época na São Paulo Urbanismo, e tínhamos um cálculo de avaliação para justamente calcular quanto um ia ter que pagar para o outro para viabilizar o parque lá. E foi bem. O parque está lá, final de semana é muito positivo, está todo mundo lá. Durante a semana também eu moro lá perto, já fui algumas vezes, mas é um parque que qualificou muito a cidade.

Eu quis comparar com o Parque do Bixiga, que tem metade do tamanho, mas não é menos importante. Ele vai ter, como foi falado, tem esse corpo d 'água embaixo, são coisas que depois vamos enfrentar. Mas vamos garantir o dinheiro para viabilizar o parque, esse que é o objetivo. Então, obrigado, Luna; obrigado, Silvia. Estou contente de estar aqui nessa audiência para dar mais um passo na viabilização do Parque do Bixiga.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Secretário. A gente vai passar agora para as inscrições. Já temos inscritos? Antes disso, deixa eu anunciar aqui a presença do Vereador Sidney Cruz e do Vereador Rodrigo Goulart, que estão presentes na forma on-line. E também do Cláudio Campos, que é da Secretaria das Subprefeituras.

Com a palavra, Vereadora Luna.

A SRA. LUNA ZARATTINI – Obrigada, presidenta dessa sessão, Vereadora Silvia da Bancada Feminista. Queria agradecer a presença da SMUL aqui nessa audiência, em nome do José Armênio, agradeço a fala. Dizer que, apesar do PL 222 ser um PL pequeno na sua extensão, dos poucos artigos, o impacto é gigantesco para a nossa cidade, para o centro de São Paulo. E também o que se pretende fazer do Parque do Rio Bixiga é uma inovação para a nossa cidade. É um ponto de partida para vários parques, para vários outros espaços nas periferias. A gente pensar uma área que não seja apenas um parque, mas que seja um espaço de educação, um espaço de cultura, um espaço de esporte, de lazer, um espaço que recupere a memória de

um bairro tão importante como o Bixiga, da Bela Vista, as raízes históricas desse lugar, dessa territorialidade.

Então, eu acho que a gente começar a pensar nesse parque também é a gente fazer o debate do projeto que esse parque deve ter. E gosto muito que tenhamos esse instrumento das audiências públicas, justamente para a gente ter a participação popular na construção dessas políticas na nossa cidade. Eu creio que, quando a gente tem a participação popular nas políticas públicas, essas políticas serão muito mais efetivas e perdurarão durante o tempo. Todas as políticas públicas que eu conheço, que duraram mais tempo, são políticas que tiveram a participação popular. Por exemplo, como os CEUs, que foram implementados na nossa cidade, o Bilhete Único, corredores de ônibus, políticas que acabam sendo modelo para as outras cidades no país.

Então, eu acredito que essa audiência pública permite a gente fazer esse debate. Eu queria propor na minha fala, e aproveitar a presença do José Armênio aqui, de a gente conseguir estreitar um maior diálogo com a SMUL e com a Prefeitura de São Paulo, para a gente apresentar possibilidades de projetos por esse parque. Aproveitar que o José Armênio é arquiteto da FAO e que pode nos ajudar a construir esse projeto. Eu creio que, se a gente não faz, nesse início, um debate de forma mais aberta, ampla, democrática, corre o risco de a gente implementar um parque que não tenha relação com o território. Ou um parque que não acolha as demandas que a gente tem no território, que são muitas.

Então, a questão da recuperação dos rios, por exemplo, é fundamental no projeto do parque. Se a gente tiver um parque onde não se recuperem os córregos e os rios, a gente está cometendo, na verdade, um grande erro no momento em que a gente tem as emergências das mudanças climáticas, no momento em que o Brasil está tendo que refletir, prever e fazer a mitigação dos efeitos dos gases estufas. Então, a gente tem uma possibilidade de transformar um parque, um PL simples, em uma coisa gigantesca na nossa cidade.

Se a gente pudesse ter essa reunião, levar os arquitetos que estão pensando esse projeto, levar uma comissão de moradores dos movimentos. Aqui a gente tem o movimento

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 7 DE 30

Parque do Rio Bixiga, a gente tem o Teatro Oficina, a gente tem o Saracura Vai-Vai, que são vários movimentos que atuam no território. Se a gente puder fazer isso em conjunto com a Prefeitura de São Paulo, eu tenho certeza de que a gente vai caminhar para ter um parque que realmente faça essa diferença na nossa cidade e possa ser modelo para outros futuros parques. Porque eu também concordo que quanto mais áreas verdes, quanto menos impermeabilização do solo, quanto mais recuperação dos córregos e dos rios, quanto mais a gente olhar a gestão dos resíduos sólidos, quanto mais a gente tiver uma visão de adaptação climática, mais a cidade de São Paulo pode ser chamada de uma cidade global, uma cidade sustentável, uma cidade que preze pelo desenvolvimento.

E hoje a gente ainda tem passos largos para fazer na nossa cidade. Ainda a gente está distante disso e eu acho que a gente tem sempre oportunidades. E o Parque do Bixiga, para mim, é uma grande oportunidade de a gente juntar cultura, educação, combate à fome e à miséria através das hortas comunitárias, cultura, como eu falei, e também a discussão das adaptações climáticas da cidade de São Paulo, sendo essa pioneira.

Temos a oportunidade de fazer história na nossa cidade. Queria contar com a sua colaboração, com a colaboração da SMUL, para a gente tentar estabelecer essa reunião e começar esses diálogos, porque eu tenho certeza de que vão ser diversas tratativas. Eu não sou da área da arquitetura, mas, quando a gente vira Vereadora, a gente começa a aprender um pouco sobre tudo. Então, de repente, um dia você é médica; de repente, um dia você está fazendo uma viela numa quebrada; outro dia você está na sala de aula. Então a gente vai aprendendo um pouquinho de tudo, mas o que a gente sabe é que a participação popular garante uma política com mais eficácia.

Então, obrigada, Silvia. Obrigada também a todo mundo que está presente aqui nessa audiência.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Vereadora Luna.

Rápido, Secretário.

O SR. JOSÉ ARMÊNIO – Obrigado, Luna. Você está certa. Ainda bem que você não

é arquiteta, mas você é mais inteligente que os arquitetos. Então está aberta a possibilidade de a gente marcar alguma coisa lá na Secretaria, sem problema. E eu gostaria de falar uma coisa aqui nessa Câmara, um pouco ligada ao que você falou, que ninguém está falando, mas eu gostaria de falar, porque eu participei do processo. Você falou das mudanças climáticas, e acho urgente a gente falar disso, com a desgraça que está acontecendo lá no Rio Grande do Sul.

Essa Câmara votou a Lei de Uso e Ocupação do Solo. Se vocês observarem, no artigo 2 e no artigo 3 da Lei de Uso e Ocupação do Solo, aborda tecnicamente princípios de ocupação do solo que respeitam a hidrologia, que respeitam a topografia da cidade. Está escrito no artigo 2 e no artigo 3.

São Paulo está à frente nessa questão do respeito às mudanças climáticas, tecnicamente. Nós colocamos na nossa Lei de Uso e Ocupação do Solo que não se deve ocupar, por exemplo, planícies de aluvião. Considerando, inclusive, o que o Prefeito pediu para a gente colocar também no Plano Diretor, que são todos os compromissos internacionais que a cidade de São Paulo já tinha feito com os ODSs da ONU, colocados também na Lei de Uso e Ocupação.

Era sobre isso que eu queria chamar a atenção, para vocês lerem a Lei de Use e Ocupação do Solo, esses dois artigos, e vocês poderão ver que tem uma diretriz de ocupação absolutamente sustentável e técnica.

Estamos abertos a recebe-los na Secretaria, Vereadora Luna, Vereadora Silvia, quem quiser ir na Secretaria. Eu conversei com a Bete antes de vir, e ela já começou a conversar, inclusive, com o arquiteto que fez o Teatro junto com a Lina, o Elito, sobre o assunto do parque também. Então, a coisa está andando e o passo agora é garantir recursos, colocar no quadro 7. É isso que a gente tem que fazer hoje.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Secretário. Agora vamos começar a chamar os inscritos para fazer o uso da palavra. A primeira inscrita é a Sra. Carmen Silva, do MSTC. Lembrando que as intervenções são de três minutos, pelo Regimento.

A SRA. CARMEN SILVA – Bom dia a todas, todos e todes. Quero agradecer a Silvia,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 9 DE 30

fls 35

a Luna, aos Vereadores que estão *on-line*. Agradeço ao Zé. Eu dei uma passada, rapidinho, porque estou indo ao aeroporto em seguida. Mas eu não poderia deixar de vir para tratar de um assunto tão importante para o Bixiga e para a cidade de São Paulo.

A minha história com o Parque do Rio Bixiga é desde 1998, quando eu ocupei aquele prédio, que ainda era um prédio, ainda tinha a sinagoga, e colocamos lá famílias para morar. Desde então, a gente viu que as famílias que estavam morando ali tinham toda aquela explanação de terra onde, por insistência, as plantas surgiam. Nós percebemos que ali não era, de fato, um lugar para moradia, mas para uma conservação maior da questão climática.

Eu sempre falava para o Zé Celso, que era curva dos rios. E a gente não poderia desmerecer aquela amplitude, aquela magnitude daqueles rios: o Saracura e o rio Bixiga. Então, nós não estamos falando simplesmente de um parque de diversão, mas de um parque tão necessário à cidade de São Paulo, um parque ecológico, o Parque do Rio Bixiga.

Eu queria pedir aqui a Cafira, ao pessoal Teatro Oficina, para fazermos nossas próprias audiências públicas com o povo do Bixiga para explicar a importância de um parque ecológico.

Nós temos ali várias escolas públicas, onde as crianças não conhecem o pé de alface, não conhecem as nossas matas. Então, esse parque será fundamental, porque os rios estão só a quatro metros daquele chão e uma hora o rio vai cobrar quem mora pelo Bixiga. Eu mesma tenho três prédios na Avenida 9 de Julho que, quando chove, o nosso medo é que a água suba; e todo dia estou escoando água. As águas desses rios que estão contaminadas, não me servem nem para lavar as escadas do prédio, mas é o rio dizendo e gritando que ele quer sair.

E esse parque ecológico evita a construção de mais um piscinão. Evita. Eu acho que as pessoas na Bela Vista não sabem que tinha um grande projeto, que era o projeto de se construir um piscinão para se conter as águas da chuva, para se conter as enchentes. Mas a gente pode criar esse parque, e eu agradeço a esta Casa por ter tomado a decisão de ir ali fincar um parque ecológico, um parque educacional, porque quem acha que parque de diversão é

somente para as pessoas passearem, levar seus cachorros, não é isso. Nós estamos prevendo as questões climáticas, ambientais. Então, essa é a importância do Parque Rio Bixiga, e quero dizer que isso não é ego. Nunca foi um ego do Zé Celso, nunca foi um ego do Teatro Oficina ficar com aquilo. Sempre foi pensando no bem-estar da população paulistana e, principalmente, os bixiguentos.

Então, eu venho aqui reverberar a importância, a plenitude desse Parque. E quero agradecer esta Casa e, principalmente, ao Prefeito por ter tomado essa atitude de depositar, de negociar com o Silvio Santos. Nós precisamos, é necessário, porque se nós continuarmos com esse concreto que assola o bairro do Bixiga e todo o estado de São Paulo, daqui a um dia nós não teríamos mais o bairro do Bixiga. Nós teríamos bairros encharcados, nós teríamos um pântano, porque a água, quando quer correr, gente, ela não vai perguntar nem pedir licença a ninguém.

Então, viva o Parque do Rio Bixiga, viva todas as pessoas. E Luna tem razão, participação popular é tudo. E vamos explicar para a nossa população. Deixo isso em cargo de vocês, Teatro Oficina, chamar a população do Bixiga para explicar a importância desse Parque para nós. Quero agradecer a todos vocês, vocês desta Casa, a todos os Vereadores, Vereadoras, porque a mulher tem mais sensibilidade de entender a importância desse Parque para nós, moradores do Bixiga.

Obrigada, Zé. Leva meu abraço para a Bete França, dizer que quero uma reunião com ela.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Carmen. Próxima inscrita é a Cafira Zoé.

A SRA. CAFIRA ZOÉ - Bom dia ou é boa tarde, já não sei. Bom dia. É uma alegria ter o Zé aqui hoje. Todos os Zés presentes, inclusive o nosso ancestral presente aqui.

É o seguinte, o Parque do Rio Bixiga está sendo projetado, desde o seu primeiro PL 805, de 2017, que é de autoria de Natalini, que depois foi assumido pelo Eduardo Suplicy, em um conjunto de covereanças, está sendo projetado como um projeto que nasceu de um

movimento popular social. O movimento deseja, reivindica, nesse momento, que esse PL, o primeiro PL encaminhado pelo Executivo, tenha acesso ao texto desse primeiro PL 805, de 2017, para apreciação, porque esse texto projeta já, com bastante qualidade, possibilidades para esse território. Ele conflui com esse pequenino texto, ele alarga as possibilidades da imaginação, dessa segunda etapa que nós vamos chegar nela.

O Parque do Rio Bixiga foi projetado coletivamente, e com muitas áreas técnico-científicas envolvidas desde o seu início, como um território de enfrentamento das emergências climáticas. São cerca de 11 mil metros quadrados de chão permeável, com um rio no seu coração, correndo com água potável. Já temos estudos de trechos desse rio subterrâneo que indicam que a qualidade da água é boa. Água boa, embaixo da terra, em Centro de São Paulo. É a possibilidade de virar a chave dos projetos grotescos de urbanização. É a chance do Bixiga e da Bela Vista terem uma horta pública coletiva, capaz de gerar autonomia alimentar para um bairro.

É a oportunidade única da infância do bairro do Bixiga, da Bela Vista, ter o direito de brincar entre árvores, raízes, rio a céu aberto, de aprender a cultivar a terra e não o cimento. É a chance de São Paulo se posicionar com um projeto piloto de parques permeáveis, com soluções para enchentes e inundações baseadas na natureza. Isso é fabuloso. Essa é uma aposta em um parque floresta. Isso é o futuro e o presente da cidade de São Paulo. Um presente para São Paulo, para o Bixiga, para a Bela Vista, para a vida de todas as pessoas e todos os povos em luta nesse território com o massacre colonial bandeirante.

A luta do Parque do Rio Bixiga não é uma luta sobre lotear um parque ou fincar bandeiras bandeirantes, apartando a terra. Essa é uma luta sobre fincar raízes, sobre plantar o nosso próprio alimento, sobre comer junto, sobre respirar junto, sem o perigo do susto.

O Bixiga-Bela Vista é a área com o menor índice de área verde por habitantes. A Bela Vista, neste momento, é uma ilha de calor. O Projeto do Parque do Rio Bixiga traz uma infraestrutura de drenagem híbrida, com soluções de infraestrutura verde, que garantem a convivência com o regime hídrico, compatíveis com um grau de proteção hidrológica para cheias

de períodos de 100 anos. Este é um projeto que já foi feito com um grupo transdisciplinar de trabalho e nós gostaríamos muito que fosse apreciado por sua pessoa, por sua cabeça de arquiteto, que eu tenho certeza que tem muito a oferecer a esta luta.

A proposta de abertura e restauração paisagística do Córrego do Bixiga considerou a alternativa 1, apresentada no Caderno de Bacia Hidrográfica, Bacia do Córrego do Anhangabaú, a qual prioriza a implantação de reservatório de armazenamento com 12 mil metros cúbicos, na rua Jaceguai, sob o viário, extinguindo qualquer custo associado à desapropriação de lotes. O destamponamento ou abertura do Córrego do Rio Bixiga devolve à população a oportunidade de convívio com as suas águas, ainda que em um pequeno trecho, as águas podem ser vistas e sentidas. As águas do Córrego, ao contatar a superfície, se espraia em meio à vegetação nativa do ecossistema da Mata Atlântica, passam por filtros de plantas capazes de absorver poluentes, associadas a um conjunto de árvores nativas e elementos aeradores propostos pelo projeto de paisagem ecológico.

O Córrego, concluindo, precisa ser livre. Este não é um projeto para a gente se dividir em esquadrejamentos de um território com uma perspectiva colonial bandeirante. Este é um projeto de confluência. Ele é urgente para um momento de emergência climática. E a gente, se não estiver entendendo isso, é grave. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) - Obrigada, Cafira.

Agora eu chamo o Vítor Próspero. Lembrando que são três minutos. Eu estou sendo tolerante aqui. As pessoas que falaram, passaram um pouquinho do tempo. Falaram cinco minutos, mas vamos tentar falar em três. Vítor.

Vítor é do Salve Saracura.

O SR. VÍTOR PRÓSPERO – Salve Saracura, Saracura Vai-Vai e Instituto de Arquitetos. Três chapéus, mas para falar, mais ou menos, a mesma coisa.

Primeiro, cumprimento a Mesa e celebro muito esta conquista com vocês.

É incrível, muito importante.

A fala da Cafira ilustra bem. Muito importante, do ponto de vista ambiental. E

ambiental integrado do ponto de vista cultural, pensando nas várias camadas. Mas venho fazer uma fala um pouco no sentido, acho que de algo que foi trazido na última audiência, que eu não estava, da importância desse ambiental não ser dissociado, de forma alguma, do aspecto social. E, aí, eu quero chamar atenção para essa multiplicidade cultural, que é sempre muito celebrada no Bixiga, e é celebrada no tombamento da Bela Vista, de 2002. Ela só é possível, essa multiplicidade cultural, por conta do perfil da população que reside no Bixiga. E esse perfil é constantemente ameaçado por diversos projetos. A própria resolução de 2002, de tombamento fala, e isso está citado no PL original do Parque. A resolução menciona a necessidade de buscar garantias para a permanência da população. Então, acho que isso é fundamental a gente ter isso em vista, ter no horizonte, mas não só no horizonte, a gente ter isso muito nítido no artigo, e a gente pensar formas, instrumentos possíveis para isso estar nítido no artigo e não só na justificativa, pensando juridicamente no projeto do Parque.

E, aí, eu queria chamar atenção também para o fato de que, neste PL do Executivo, agora, ali mais para o final, existe a palavra “requalificação do entorno”, que eu acho algo muito perigoso para a gente ter atenção. Não existe nada a ser revitalizado no Bixiga, que é reconhecido justamente por tanta vida e pela multiplicidade, diversidade da vida que tem ali.

E, aí, eu queria chamar atenção para duas coisas, para a gente ficar atento, paralelas. Também no Projeto, no PL do Executivo, é mencionado o Território de Interesse da Cultura e Paisagem, que é um instrumento ainda muito vago em disputa, em construção, e que tem vários potenciais de preservação e de fomento à cultura, mas, justamente por isso, ele precisa ser olhado com cuidado no sentido de uma pressão por recursos que comecem a circular e por fazer mais pressão na expulsão dessa população, especialmente quando isso é visto do ponto de vista turístico, etc. Então, acho que é um alerta importante ligar do ponto de vista social.

O PIU Setor Central chega até ali, então, é muito importante ter esse alerta também, porque com o parque sendo feito e o PIU como uma abertura possível para o mercado imobiliário atuar ali, a Rua da Abolição corre um sério risco. Então, é algo também para estar em disputa, mas chamo a atenção para essas coisas em paralelo, para a gente, de alguma forma, incluir isso

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 14 DE 30

no texto do PL para o parque trazer. Esse parque precisa estar de forma integrada, garantindo a permanência da população que define essa riqueza do Bixiga.

Então, para fechar, reitero algo que tem que ser construído, discutido, mas a possibilidade de pensar em indicar uma área envoltória que indique instrumentos para essa possibilidade de permanência. E, junto a esse instrumento, queria chamar a atenção para algo que o Saracura Vai-Vai colocou como emenda ao Plano Diretor, depois entrou no zoneamento e até no texto do TICP, que é observar o perfil racial do município de São Paulo, e aí, quando estão sendo feitos novos empreendimentos, provisão de habitação, mas é um instrumento de ação direta, contra cíclico, de certa forma, como as cotas. A Gisele pode falar melhor que é alguém que está trabalhando diretamente com esse tipo de instrumento.

Acho que era isso. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Vitor.

Antes de chamar o próximo, a Vereadora Luna.

A SRA. LUNA ZARATTINI – Gente, desculpa, interromper os inscitos, eu vou precisar me ausentar.

Queria agradecer novamente a presença do José Armênio pela SMUL, e também só reforçar o meu pedido de a gente fazer uma reunião com a SMUL e também acrescentar algumas outras secretarias que poderiam estar em conjunto, como a SIURB, a Secretaria Municipal do Verde, a Secretaria Municipal da Cultura, porque aí eu acho que a gente faz um debate mais transversal do que significa esse parque, apresenta todas essas propostas.

Eu acredito que o que o Vitor também trouxe é fundamental de ser incluído, que foi algo que a gente debateu na primeira audiência, de garantia da não expulsão das pessoas do território. Então, eu ia propor isso para o José Armênio, se ele poderia ajudar a gente nessa interlocução com outras secretarias para que a gente pudesse ter essa reunião conjunta, mais técnica, observando esse projeto que eu acho que tem essa dimensão.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Vereadora Luna, que vai precisar se ausentar agora. Então, vamos continuar com os nossos inscitos.

A próxima é a Marília Piraju. E na fala da Marília, a gente encerra as inscrições.

A SRA. MARÍLIA PIRAJU – Bom dia. Bom, já fui muito expressa nas falas anteriores, isso é maravilhoso, porque, de alguma maneira, isso revela não um consenso, mas, na verdade, um acordo das pessoas que estão se manifestando, não só da sociedade civil, mas também quem está compondo, hoje, a Mesa da Comissão: legislativa, executiva.

Mas gostaria, e vou insistir, porque acho que a insistência é sobre as águas moles do Rio Bixiga batendo em pedra dura naquele cimento e criando o Parque do Rio Bixiga. Queria convocar um pouco da atenção do José Armênio aqui.

Sei que você é um entusiasta e sempre foi, de alguma forma, dessa luta. Você comentou sobre a presença do Edson Elito, junto à Bete França e à SMUL. Vou insistir justamente na criação dessa comissão.

Sou arquiteta do Teatro Oficina. Faço parte da luta pela criação do Parque do Rio Bixiga há tempos. Sou uma apaixonada e uma entusiasta dessa luta também e queria insistir na criação dessa comissão, que tem a natureza de um grupo de trabalho envolvendo, de novo, como já citou a Luna Zarattini, as secretarias que estão ligadas diretamente à implementação do parque, que é Infraestrutura Urbana, que é Meio Ambiente e Secretaria de Cultura, e também o Executivo, o Prefeito e a SMUL, junto ao movimento que cria o Parque do Rio Bixiga, representantes do território Bixiga e também esse escritório técnico formado por arquitetas, urbanistas, biólogos, engenheiros ambientais que criaram o atual projeto, quer dizer, essa ponta de lança do projeto que o movimento vem defendendo. Isso que a Cafira já explanou é um projeto multidisciplinar que tem descoberto soluções de como reabrir esse rio no centro de São Paulo.

Retorno à portaria de um decreto que foi aberto em 2022, inclusive criado pelo Secretário do Governo Municipal, que exige a criação de um grupo de trabalho. Inclusive vou ler aqui rapidamente esse decreto criado pelo Rubens Rizek Júnior, da Secretária do Governo Municipal: “Usando das atribuições que lhes são conferidas pelo artigo 2º (...) resolve: Art. 1º Designar para compor o Grupo de Trabalho constituído pela Câmara Municipal de São Paulo, com a atribuição de avaliar as dificuldades que envolvem a criação do Parque do Rio Bixiga (...)”,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 16 DE 30

fls 42

com a participação da Secretaria Municipal de Cultura, da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente e da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento, junto a um elenco de pessoas da sociedade civil e movimentos ligadas ao Parque do Rio Bixiga.

Quer dizer, essa demanda não nasce agora, com a possibilidade da desapropriação; já é um decreto, e ele precisa ser executado. Nesse sentido, me dirijo a você também, aqui uma pessoa que está ligada e mediando a relação do movimento com o Executivo, porta-voz do encaminhamento que está sendo produzido nessas duas audiências com a Comissão de Política Urbana, para que justamente essa Comissão híbrida seja criada. Como você comentou do cocriador da obra do Teatro Oficina, Edson Elito, acho importante dizer que esse projeto e essa luta existe há 44 anos, e o primeiro croqui imaginado para a ocupação dessa área pública foi feito pela Lina Bo Bardi nos anos de 1980. Depois disso, muitos outros arquitetos, urbanistas e grupos de trabalho foram elaborando e o aprofundando para encontrar essa solução.

De fato, eu sinto que você é sensível a esse argumento de que não faz sentido uma luta de mais de 40 anos de um movimento para que torne um território público no centro da cidade de São Paulo e, quando esse território se torna público, apartar e não convidar o movimento que lutou por quatro décadas para que imagine e faça parte do que vai se tornar esse território. Então, do nosso ponto de vista e também do movimento, nos convidar a fazer parte desse processo não é uma gentileza nem uma benfeitoria da Prefeitura, mas uma condição para que esse processo e essa tramitação continuem. (Palmas)

A SR. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Marília.

Tem a palavra a Sra. Clara Jaxuká.

A SRA. CLARA JAXUKÁ – Bom dia. Gostaria de pedir licença para falar. Também fui aluna do José e fico muito feliz por esta Mesa estar sendo presidida por uma mulher, com as falas que temos tido e com a qualidade intelectual e de debate.

Eu vim insistir na questão do Rio Bixiga, que passa por debaixo desta Casa. Esta é a oportunidade para que ele seja pensado no seu território e não apenas no ponto onde teremos a oportunidade de cuidar melhor dele, porque isso já temos feito há 44 anos. Desde quando esse

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 17 DE 30

projeto vem sendo pensado e criado, a gente estava naquela terra, cultivando, cuidando e sonhando.

Trago a importância do rio no nome, porque às vezes ele aparece e, às vezes, não. Então, que isso seja garantido e também seja uma oportunidade de a gente rever as águas, tema tão já falado, e de repensar a Bacia do Rio Bixiga, que faz parte da Bacia do Anhangabaú, juntamente com o Itoiroró, com o Saracura e com o Augusta. Como o bairro do Bixiga tem seis nascentes, é um bairro especialmente com muitas águas, que vão desaguar Rio Tamanduateí, no Rio Tietê, no Rio Paraná e na Bacia do Rio da Prata e que vão correr por muitos lugares e muitos territórios até desaguar.

Então, a nossa responsabilidade como município que cuida dessas águas, que está em cima dessas águas, já que construímos a cidade em cima das águas, é lidar de forma diferente. E acho que esta é uma oportunidade maravilhosa para isso. Agradeço a fala, e que os rios tenham seus corpos restituídos e possam correr livres. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) - Obrigada, Clara. Chamo agora a Camila Mota.

A SRA. CAMILA MOTA - Boa tarde, Salão Nobre. Boa tarde, Presidenta esta audiência. Boa tarde, José Armínio. Nessa minha fala, eu acho que vou pegar um gancho um pouco na fala do Vitor e no que foi levantado na última assembleia no sentido de que eu invoco que todos os movimentos que desejam, que tenham um olhar sobre esse território, que têm confluência, mesmo que possam existir divergências, que a gente tenha uma afinação de discurso no sentido de nunca colocar em oposição a criação desse parque. Ela não é uma oposição à população do Bixiga, nesse sentido.

Porque não é um parque que traz a gentrificação, é o mercado. É o mercado imobiliário que traz a gentrificação. Porque a gentrificação ocorreu quando os rios foram fechados. Os rios fechados da cidade trouxeram gentrificação porque criaram avenidas, criaram nova urbanização. Então, a gentrificação acontece em qualquer oportunidade. O mercado “come” as oportunidades que existem para gentrificar.

Então, acho que a gente vai ficar mais forte sempre que não colocar: “A criação do parque é importante, mas...”. Porque não acho que se tenha que usar a conjunção “mas”. Acho que a criação do parque é importante e deve ser garantida para essa população. Invoco essa mudança de discurso da nossa parte, essa afinação.

Várias cidades no mundo estão em uma vanguarda. Estive estudando, e em Paris, por exemplo, no centro da cidade, a Secretaria de Urbanismo comprou uma série de imóveis que são destinados para aluguel popular. Tem congelamento de valor de aluguel, tem uma série de coisas, uma série de alternativas que a cidade de São Paulo precisa entrar adotar, precisa entrar nessa.

Estou dizendo isso porque estamos em uma audiência pública. E temos uma Câmara Municipal majoritariamente de direita, tendendo para a extrema-direita, uma boa parte da Câmara Municipal. Então, sinto que a afinação de discurso dos movimentos, mesmo com divergências, é necessária para a gente ter a conquista das possibilidades reais para o território. Porque qualquer indício de divergência pode ser utilizado assim. Então, por exemplo, se parte da população quer um trepa-trepa, um balanço, não quer um rio aberto, uma coisa não faz oposição a outra.

Nasci em Minas Gerais, fui criada no Rio de Janeiro. Vou falar do Arpoador. A Praia do Arpoador, talvez o metro quadrado dos mais caros daquela cidade, é um espaço em que, no final de semana, você vê toda a juventude e a infância do Pavão, Pavãozinho, do Cantagalo reunidas. Então, não é um antagonismo necessariamente. A Praia do Arpoador, no Rio de Janeiro, é um território preto, porque, felizmente, desce-se o morro, mesmo com a construção do metrô, inclusive, muito refutada, porque a Zona Norte vem à praia no Rio de Janeiro.

Então, sinto que a gente precisa mesmo de uma mudança de perspectiva. Porque, senão, de certa forma a gente cai na armadilha de um discurso de racismo ambiental. Lugares com qualificação são lugares, necessariamente, de expulsão, e não podem ser. Eu sei que é assim.

Outra discussão que eu trago é: “Mas, com esse projeto, talvez a regeneração de um

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 19 DE 30

fls 45

rio seja muito cara, e a gente poderia fazer 15 parques na periferia”. Por que os parques na periferia têm que ser parques baratos se em qualquer lugar da cidade de São Paulo em que a gente esteja, a gente está a menos de 200 metros de um rio soterrado, por exemplo?

Por que isso não vira um modelo que se expanda para as periferias também, de reabertura de rios? Isso não tem que ser privilégio de um centro, que é uma periferia central e deve continuar sendo uma periferia central.

Então, eu invoco aos movimentos que a gente tire um pouco essa conjunção “mas” dessa discussão e coloque no seu lugar “e isso”. Entenderam? É preciso reabrir esse rio e garantir que ele seja para essa população que nesse momento está encapsulada nos seus pequenos apartamentos. Está encapsulada. Não está tanto porque o Bixiga é um bairro que as pessoas frequentam a rua. É um lugar que já é assim. E tem que ser garantido que seja assim.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Sra. Camila.

Sr. Gabriel, de Medeiros, do Coletivo Ecossistema. Bom dia.

O SR. GABRIEL DE MEDEIROS – Bom dia a todos! Queria começar cumprimentando o Sr. Secretário, companheira Vereadora Silvia. Felizmente, depois de muito tempo, eu vejo uma sessão dessa Comissão sendo bem presidida, já que tivemos vários episódios de horrores nos últimos projetos.

Sou morador da região, da Bela Vista, gostaria de verificar com o Secretário a possibilidade, em diálogo com outras pessoas, entendemos, contemplado por todas as outras falas, da importância da preservação ambiental, da importância do rio.

Gostaria, também, que esse espaço fosse proveitoso para a nossa população e, como disse a companheira anteriormente, não é antagônico o uso da população também na preservação.

Então, a demanda que eu trago a Secretaria é a possibilidade de termos um espaço de um cachorroódromo no projeto do parque. Uma vez que na região da Bela Vista nós temos a Praça Vladimir Herzog. Um espaço relativamente pequeno, e um outro muito menor na Craveiro

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 20 DE 30

Lopes.

Então, em diálogo com outras pessoas, concluímos ser importante trazer essa contribuição, verificar a possibilidade dentro do que existe hoje no projeto para essa inclusão. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Gabriel.

Sra. Gisele Brito, do Instituto Peregum e Saracura Vai-Vai.

A SRA GISELE BRITO - Bom dia. É um prazer e obrigada pela oportunidade de estar aqui.

Vou mudar um pouco minha fala. Como o Vitor, a fala que a gente trouxe organizada pela coletividade, ela foi questionada publicamente, eu sou obrigada a responder dessa mesma forma.

Primeiro, eu queria dizer que a população que nós estamos referindo é a população negra. O Bixiga é um bairro negro. O Bixiga foi e é um Quilombo e, demograficamente, ainda é um território de maioria negra.

A gentrificação não é um processo natural. É um processo produzido pelo mercado imobiliário, se aproveitando da infraestrutura. Ela precisa de uma infraestrutura para produzir essa gentrificação. E, de fato, não é o parque que é uma coisa muito boa, e que seria muito boa se atingisse a população negra que vive na Rua da Abolição, mas, para isso, o parque não é nada. Não é bom nem ruim. Ele precisa ser construído na legislação de maneira que isso aconteça.

Existem instrumentos no Plano Diretor pensados para impedir a gentrificação. E esses instrumentos não foram mobilizados nessa luta de 45 anos. Não foi mobilizada porque o parque é visto como algo bom. Perguntamos: o parque para quem é bom? Quem é que vai entrar nesse parque? Quem é a população que será beneficiada por esse parque? Uma vez que o parque seja construído, e eu espero que ele seja construído, só é mais um item estatístico da desigualdade social dessa cidade. Ele só vai ajudar a gente a ler essa cidade, como uma cidade segregada. E essa cidade é segregada racialmente.

O Saracura Vai-Vai, ano passado, participou do debate do Plano Diretor e fez uma discussão bastante assertiva em relação a isso. Em relação ao que está acontecendo com o Metrô. Metrô e parque são a mesma coisa para o mercado imobiliário. Metrô e prédio é a mesma coisa para o mercado imobiliário. A sede da Uniafro Brasil fica na frente, seria ótimo abrímos a janela e ter a Bela Vista. Mas não há dúvida que a Uniafro não vai conseguir pagar seu aluguel quando aquele parque for inaugurado. E espero que esse parque seja inaugurado.

O que nós temos feito nesse debate é dizer que ao poder público e a sociedade civil organizada, que durante 45 anos não conseguiu incorporar essa discussão na Lei, incorpora essa discussão na Lei porque a gente teve uma experiência muito recente em que foi desnaturalizada a expulsão de pessoas negras de um território. Esse mesmo território que está em disputa, que é o território do Bixiga. A gente, para fazer isso, já deveria ter sido feita uma série de coisas. Por exemplo, direito de preempção no entorno desse projeto de parque, que daria à Prefeitura a preferência de compra e a... Para uso... Para a produção de Habitação de Interesse Social... Uma demarcação agressiva de ZEIS, que... A gente acabou de discutir, agora, o zoneamento. Aquela região deveria ter sido pensada em um entorno, ali, como trouxe o Victor, demarcado como ZEIS. E reservado recursos... Então, é preciso... O que não é possível fazer... É preciso fazer agora.

Tem uma área de... Aquela área... O entorno, ali, é ZEIS. É preciso se garantir e associar uma coisa à outra, porque naturalizar que um projeto desse tipo... Ele tenha um impacto sempre bom... Ele tem um efeito bom, ambiental. Ele tem um efeito bom, mas para quem? Quais vão ser os moradores que vão permanecer naquela região depois da produção do parque que deve ser construído? Quais são os aluguéis? Quem é que vai ter capacidade de pagar o aluguel naquela região, depois que o parque for construído? Quem é que vai frequentar esse parque?

Acho que a gente teve uma experiência recente, do Parque Augusta. Basta ir às 3h da tarde ao Parque Augusta – ou basta ir ao Leblon, pegar o ônibus, que é parado no verão. É interrompido. A polícia faz batida nos ônibus para impedir as pessoas de chegar ao Arpoador. E perguntar se elas acham boa essa desigualdade, que faz com que elas tenham que pegar um

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 22 DE 30

ônibus, ser agredidas pela polícia, para se beneficiar daquela praia, que é pública...

Então, para concluir, o movimento, a articulação Saracura Vai-Vai, quer participar dessa discussão e oferecer um pouco o que a gente acumulou na discussão do Plano Diretor, de instrumentos para não naturalizar a expulsão de pessoas negras desse território e garantir o que já está reconhecido pela legislação, o Bixiga, como território negro desse lugar – não um território negro que celebra ou que se apropria de uma ancestralidade, que celebra a cultura, mas um território de pessoas negras vivas e que ocupam aquele território persistentemente, desde antes do fim da escravidão.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Gisele. Agora, o último inscrito é o Candinho Neto, que é jornalista da Banda do Candinho.

O SR. CANDINHO NETO – Bom dia – e quase boa tarde – a todos que estão aqui, presentes. Todas...

Eu gostaria de agradecer esta oportunidade de falar, porque eu nasci no Bixiga, em 1949, no dia 2 de dezembro, Dia Nacional do Samba, e, por isso, quando eu me torno jornalista do *Diário Popular*, do *Popular da Tarde*, eu venho trabalhar com o Carnaval. E o *Popular da Tarde*, o *Diário Popular*, era aqui, na Major Quedinho, núcleo do Bixiga.

E a gente começou com a Banda do Candinho. Brincar com a Banda do Candinho, porque não se tinha Carnaval de rua em São Paulo, aqui, praticamente... E, como o jornal, na época... Todos sabem... Nos anos 80, ele era, ainda, o grande veículo que comunicava. Eu recebo, por exemplo, informações das escolas de samba, que... Muitas delas se valiam da minha coluna para encher as quadras nos dias de festa.

Pois bem... E eu percebo, então, que eu estou no Bixiga. Para mim, era a Bela Vista, até então, mas, aí, eu vou para as casas noturnas, aquele fervilhar todo, da oportunidade, e, para chegar mais próximo, agora, nós tivemos a felicidade de sermos aceitos. De convidar e ser aceito o Marcelo Drummond, como viúvo do Zé Celso, para ser o padrinho da Banda do Candinho... E, por consequência, nós terminamos como padrinhos do bloco Filhos do Zé, que é o mais recente

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 23 DE 30

bloco que veio emoldurar o Carnaval de rua do Bixiga.

Eu estou dizendo do Carnaval porque eu permeio o Carnaval e participo do Carnaval, mas eu vi que o Carnaval é uma página cultural que agrega todas essas pessoas, que... Outras, que, aqui, usaram este plenário, falaram da dificuldade desse conagraçamento humano. Eu, como preto, como negro, como queiram, eu sinto que há essa dificuldade. Mesmo como jornalista, bacharel em direito, Diretor da Secretaria do Trabalho, que... Eu me aposentei e, por isso, hoje, eu ando no “pé no chão”, com a minha aposentadoria, capaz de dar, ainda, a minha permanência no Bixiga até quando eu quiser. Meus filhos, que nasceram aqui, adoram o Bixiga.

Então, eu vi, ali, a Rua do Bixiga, para finalizar, e não entendia por que a Rua do Bixiga estava ali. Porque quem vive no meio da sociedade aqui do Bixiga, no meio, sabe que o pessoal... Há um bairrismo entre nós que, eu digo, é salutar. Como aquele tempo que tinha, nos anos 50, 60, 70, São Paulo-Rio, aquela rivalidade cultural, salutar. Então, o pessoal falava que o Bixiga era só a 13 de maio.

E uma pessoa lá, a Marcele, que mora na Rua do Bixiga, falou, realmente, outro dia teve um trelelê aqui, veio a polícia, e o PM disse que ali não era Bixiga, que o Bixiga era só a 13 de maio.

E aí, andando e participando nessas reuniões, Saracura-Bixiga e outras que a gente participa, a gente vai aprendendo com esses letrados, com essas pessoas que permeiam o meio ambiente, que era rio, que ali é o Rio Bixiga. Por isso, que é a Rua do Bixiga, a Rua do Rio Bixiga. Então, naturalmente, nada mais do que isso.

Eu gostaria de agradecer, realmente, a possibilidade desse Parque do Rio Bixiga, que vai dar condições de a gente manter um verde capaz de respirar cultura, pelo Teatro Oficina, respirar música, alegria, e termos, assim, um ponto de encontro, nas manhãs, à tarde, num ambiente ainda ao céu aberto e respirável.

E, finalizando, não sei quem falou, vários falaram sobre os rios, que a cidade está sobre o rio. Isso, em 1968, por aí, eu estudava no Colégio Martin Luther King, e tinha lá o professor Gabriel Tondello, que eu reputo ter sido aquele professor que mais norteou, professor

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 24 DE 30

de português, com poesia, e ele leu uma poesia no livro Martim Cererê, que dizia sobre o rio...

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Conclua.

O SR. CANDINHO NETO – Sim. O rio que estava sob o Vale do Anhangabaú. E todo mundo, ali é rio? Quer dizer, já em 1968, a gente não sabia que era rio, precisou dessa educação. E eu encerraria com o dizer do professor que me ensinou, a seguinte, fala: amo São Paulo, que não tem nada de bonita, porque não tem baías e nem paisagens. Eu amo São Paulo, que não é um presente da natureza para os olhos meus, mas um presente do homem aos olhos de Deus.

Viva o Rio Saracura, viva o Parque Saracura, viva Zé Celso Martinez, o grande batalhador por isso.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) - Obrigada, Candinho.

E agora sim, o último inscrito, o Bruno Rinaldi Hupfer, da Federação Paulista de Skate.

O SR. BRUNO RINALDI HUPFER - Bom dia - não sei se é bom dia ou boa tarde - para a mesa, para o Secretário, para a Silvia, para quem está *on-line*, se ainda tem alguém *on-line*, e para as pessoas que falaram.

Eu não ia vir aqui de novo, porque na outra vez que eu vim, eu não senti esse “e” junto do *skate*. Eu não senti que esse “e” faz parte do *skate*. Eu senti que o *skate*, mais uma vez, não ia ser contemplado e não deve ser contemplado nesse projeto.

Só que eu não fui nas audiências do Parque Augusta e não pode entrar de *skate* lá.

Eu não fui nas audiências do Parque da Aclimação e não pode entrar de *skate* lá. Aliás, se eu quiser passar pela Aclimação, eu não posso nem para cortar caminho, eu tenho que dar a volta no parque, eu não posso entrar com ele na mão. Não é que eu não posso andar de *skate*, eu não posso entrar com ele na mão.

Então, respondendo a algumas falas, eu imagino que tem pessoas que realmente não vão poder entrar nesse parque. E eu já sei que alguém não vai poder: é o *skatista*, pelo que foi apresentado em diversas falas.

Eu gostaria, mas como a gente é... Eu sei que vai acontecer na entrada, eu sei que

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 25 DE 30

vai acontecer o conflito, porque o *skate* ocupa o centro de São Paulo, desde a década de 1980, e o conflito é inevitável, como foi na Roosevelt, como foi no Vale, como é em um monte de lugares, como é lá em Santo Amaro, perto da Casa de Cultura de Santo Amaro.

Eu já estou tentando, pelo menos que fique gravado aqui, que a gente está tentando fazer com que a Prefeitura receba também os *skatistas*, para que a gente pense num parque que possa ter a inclusão do *skate*, não só como uma pista de *skate* em si, mas como uma opção de lazer que seja plural.

Existe hoje, por exemplo, o que acontece no MACBA, na Espanha, que é o Museu de Arte Moderna de Barcelona, em que as peças e as obras de arte foram adaptadas para o uso do *skate*, para que você tenha mais do que um uso só de um tipo de pessoa e um tipo de população.

E só para concluir, querem evitar a gentrificação, nada como colocar um bando de skatistas para a galera dos prédios nem querer ir ali morar. Eles nem querem, nem querem morar, querem vender o apartamento, querem impedir. Então, se vocês querem, a gente pode ajudar também nessa parte.

E eu peço que a gente seja incluído no grupo de trabalho, para que a gente possa não ser excluído de mais um parque em São Paulo, está bom?

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Bruno.

Agora eu passo a palavra para o Secretário e depois eu também vou fazer minhas considerações.

O SR. JOSÉ ARMÊNIO - Obrigado, Silvia.

Só concluir, com tudo o que vocês falaram, eu queria concluir quase como arquiteto, não como secretário. E maioria dos que falaram falou para a frente, para o que a gente vai ter nas próximas etapas. Eu queria concluir a minha participação nesta audiência falando que a gente vai ter que discutir projeto, vai ter que discutir projeto, e projeto é desenho. Como o professor falava já, é desígnio. Qual o desígnio que vocês querem fazer? Vai ser um desígnio

excludente, um desígnio includente, um desígnio que inclui, um desígnio que esconde o rio, um desígnio que revela o rio? Isso vai ser tarefa nossa, eu digo, nós, vocês, todo mundo que vai estar envolvido por aí.

E aí eu acho que é uma oportunidade boa, Silvia, para a cidade de São Paulo mostrar que é capaz de discutir projeto, porque não precisa concordar com tudo. Eu nem sei com o que vocês concordam, mas, certamente, para fazer um parque, um parque que seja includente, um parque que seja uma recuperação ambiental, a gente vai concordar. Como, por exemplo, fazer o Aquático lá embaixo, é simples, é só fazer e andar 17 minutos, em vez de andar duas horas, pronto.

O projeto traz essa necessidade de decisão e o colega skatista falou... Bem, eu tive a experiência, quando eu era presidente da São Paulo Urbanismo, de discutir com o Formiga - você deve conhecer o Formiga -, porque a gente estava começando a fazer a reforma do Vale, e o Formiga estava bravo para a gente garantir a reconstituição do que eles haviam ocupado enquanto espaço do *skate*. E assim nós fizemos. Foi legal.

Na São Paulo Urbanismo, ele ia quase toda semana para discutir com os técnicos da São Paulo Urbanismo, e a gente, de uma certa maneira, reconstruiu o lugar em que eles andavam de *skate* lá naquela ponta do Vale. E eu, sempre quando eu saio do Martinelli, passo ali pela São João, é superlegal ver todo mundo lá andando. E é um lugar que foi, de fato, ocupado, assim como a passagem da São João, sexta-feira fica todo mundo lá sentado, tomando cerveja. Não sei se vocês já passaram pela ponte ali da São João com o Anhangabaú.

Então eu acho que é bom você ter vindo falar, acho que tem que vir para garantir, e aí a sua fala vai estar considerada no desenho, no projeto. O Formiga forçou a gente a considerar e está considerado, está lá. Existe, de fato, um lugar para o *skate* dentro do Vale do Anhangabaú, ponto. Isso é desenho, isso é desígnio, isso é o destino que a gente define. A gente, de novo, nós, vocês, cada um no papel que tem e tal, é muito importante.

Então eu agradeço, Silvia, ter participado desta audiência. Acho muito bacana ter ouvido vocês. Concluo a minha participação com essa questão de a gente mostrar, porque às

vezes é difícil, às vezes a gente acha que não é possível... Isso eu estou lembrando de quando eu era aluno da FAU. É possível discutir projeto, é possível, mesmo com gente com quem você não concorda totalmente.

Então, eu estou pedindo uma certa tranquilidade, vamos desarmados para discutir o projeto, porque o que interessa é o projeto, é o que nós vamos fazer. Não interessa se você vai para casa e vai comer uma comida apimentada, esse é outro problema, é outro capítulo. Mas vamos discutir o Parque do Bixiga e resolver o projeto do Parque do Bixiga, isso é o que está diante dos nós, na mesa. Foi falado com skate, com abordagem ambiental e social, é isso que precisamos fazer e nós vamos fazer. A cidade de São Paulo tem capacidade para fazer isso. É há disposição e orientação do Prefeito para fazer isso, é essa orientação que o Prefeito dá para a Secretaria. Temos a convicção de que só com essa qualidade vai sair uma coisa legal. No final, podemos olhar e dizer: puxa, poderia ter sido melhor. Ah, na próxima, a gente faz melhor, mas vamos fazendo, vamos construindo o que conseguirmos construir.

Então, eu agradeço à Silvia, à Câmara, a SMUL está à disposição. Quanto à sugestão da Luninha, podemos combinar, é só questão de marcar. Mas estamos à disposição para entrarmos na etapa seguinte, que será depois de garantir os recursos, porque precisa garantir o recurso para fazer o Parque, e é o que estamos fazendo agora, vamos garantir o recurso. Depois nos vemos como é que vai ser a pista, mas vamos garantir o recurso agora, que é o que nós temos de fazer. Na próxima, aí vemos como é que faz.

Obrigado, Silvia.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, José Armênio, agradeço a sua disponibilidade. Acho que o ideal seria constituirmos um grupo de trabalho junto com a SMUL, junto com todos os atores, atrizes, e temos bastante aqui, com os movimentos sociais do território, para poder, pós essa votação, porque o José Armênio tem razão, a primeira parte é aprovar a inclusão do Parque no quadro do Plano Diretor, para realmente ser um Parque, ter os recursos suficientes para ter um Parque. Mas também estamos discutindo, concomitantemente, qual modelo de Parque queremos, que Parque nós queremos mais

REUNIÃO: 20704 DATA: 04/06/2024 FL: 28 DE 30

especificamente para o bairro do Bixiga, com todas as características do bairro do Bixiga. Então, isso é necessário porque não podemos aqui na Câmara aprovar o Parque e a Prefeitura - eu estou falando do Executivo - faz o parque do jeito que pensou, porque alguém está pensando, não é? Não sei. Se você não começou a pensar, não sei, mas, provavelmente, tem outros atores pensando. Então, a população do Bixiga, o grupo do Teatro Oficina, que está dentro do Parque praticamente, do futuro parque, quer pensar junto, e para pensar junto, para fazer esse desenho de projeto vai ter de ser um desenho representativo de várias demandas. Acho que seria muito importante que SMUL pudesse também fazer parte desse protagonismo. Poderíamos até marcar uma reunião, acho que nos próximos 15 dias, pode ser, José Armênio? Que marcássemos porque na Comissão de Política Urbana, tem duas emendas, uma do Rubinho Nunes e outra do Goulart, para esse projeto, que eu ainda não desvendei, eu não analisei as emendas. Aí poderíamos marcar, também com a presença de outros Vereadores interessados, da Vereadora Luna, que não é desta comissão, é de outra comissão, mas que poderia participar. Enfim, uma comissão que todos os interessados pudessem estar, poderíamos marcar essa reunião para os próximos 15 dias.

E em relação às falas que aconteceram, a minha opinião, agora eu estou emitindo a minha opinião, é que os territórios da cidade de São Paulo são territórios de disputa, não existe neutralidade. A cidade de São Paulo é almejada a cada milímetro, a cada metro quadrado sobre o que fazer. Só que essa disputa, o antagonismo da disputa não é entre os movimentos sociais, o antagonismo da disputa é com o mercado imobiliário. A primeira coisa é essa. É óbvio que, em um território onde não tem equipamento público, onde não tem área verde, é óbvio que todo mundo quer tudo, todo mundo quer o skate, todo mundo quer o cachorródromo, todo mundo quer o parquinho, porque não tem nada. O Bixiga não tem, praticamente, não tem um CEU no Bixiga, as crianças não têm a piscina que, muitas vezes, nas periferias, tem, graças a Marta Suplicy, que começou com esse projeto.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) - Pois é, não tem projeto de

CEU no Bixiga. Então, é um espaço realmente carente de área de lazer, área verde, área de tudo, praticamente. Ainda bem que a população do Bixiga ocupa as ruas. Ainda bem que a população negra do Bixiga, que mora nos cortiços, nas pensões, a rua é o espaço. E, ainda não aconteceu o pior, que seria essa população toda ser expulsa de lá.

O que acontece? Nós, primeiro, precisamos saber que o maior antagonismo que a gente tem é com o mercado que não quer a população na rua, que não quer um parque com um rio, que quer um parque bonitinho, não interessa muito, para quê? Para construir empreendimentos imobiliários e para vender com aquelas varandas *gourmet* para ganhar dinheiro. É o lucro, o mercado quer lucro. O mercado não está preocupado com o rio, o mercado não está preocupado de ter uma horta urbana, o mercado não está preocupado com a população que já mora lá.

Então, quem é que vai se preocupar com isso? Não vai ser o mercado, vamos ser nós: os movimentos. Vai ser o pessoal do teatro, vai ser o pessoal do Vai-Vai que quer a quadra de novo lá, a quadra voltando para o território do Bixiga, porque foi expulsa por causa do metrô. A gente quer, e a gente quer o pessoal dos movimentos. Então, a gente precisa pensar em como fazer porque há instrumentos e há mecanismos no Plano Diretor, na Lei do Zoneamento, para que não haja gentrificação.

E a gente vai precisar lutar junto com o parque para que esses mecanismos também façam valer. Porque, senão, a gente vai ter o quê? Um monte de emenda tirando a possibilidade de habitação de interesse social do entorno. É exatamente aquilo que a gente não quer. A gente quer que o entorno do parque seja de habitação de interesse social e não, para a especulação imobiliária.

Então, tudo isso, gente, é complexo, não é uma coisa simples. A gente passou aqui a batalha que foi o Plano Diretor, a gente passou aqui uma batalha que foi a Lei de Zoneamento, do qual, inclusive, José Armênio, nós tivemos, a Câmara dos Vereadores, acho que a primeira vez que eu vi, derrubando alguns vetos do próprio prefeito Ricardo Nunes, na última votação. A gente tem disputas, tem batalhas que a gente precisa comprar aqui na Câmara, que precisa

comprar na sociedade.

Acho que o que a gente precisa é fazer o quê? A confluência, a gente precisa conversar para ver todos os interesses populares. Os interesses populares têm que confluir para a gente ter força para fazer frente aos interesses que não são os populares, que são os interesses do mercado imobiliário, que são os interesses do lucro. É possível ter muito mais acordos e confluências dos setores populares, e a gente poder ter essa união frente aos interesses do mercado.

Essa é a segunda audiência, depois a gente já vai partir para a votação do projeto. Não tem mais audiência pública. Isso não quer dizer que a população não possa se auto organizar para fazer uma plenária no território, com todos os movimentos, para que possa estar mais unida, inclusive, na própria votação não podem entrar interesses já do mercado, porque eu quero analisar, também, as emendas que estão entrando aqui. A gente precisa analisar essas emendas.

Eu queria, então, José Armênio, encaminhar essa reunião nos próximos 15 dias. Não sei como é que faria para fazer uma reunião dos movimentos acho que no território mesmo, não sei se no próprio teatro ou em algum outro lugar, acho que precisaria se conversar para tirar, para começar a desenhar um projeto que possa contemplar, na Ocupação 9 de Julho, enfim, onde vocês acharem; se conversem para verem onde fazer para que, na votação, a gente possa ter o PL curtinho, mas que o PL não sofra já ingerências desse mercado já na sua aprovação.

É isso, gente.

Muito obrigada e a participação de todas, todos e todes.

E cadê o negócio que eu tenho que encerrar? Nada mais havendo para ser tratado, dou por encerrada esta audiência pública da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, tenham todos uma boa tarde. (Palmas)